

Convite à escuta “a contrapelo”

Cida Golin

Linguagem em movimento e sem parâmetros estáticos, o rádio mantém um vínculo visceral com a cidade. Pontua com sua respiração, voz e compasso o fluxo urbano que escorre em ciclos, ao mesmo tempo em que reconstrói e interfere no seu ritmo. Ao estabelecer uma interface sonora com a realidade, conduzida pelo artifício da sua presença física, próxima e sensorialmente envolvente, o rádio funciona como um relógio das rotinas diárias: o despertar para o trabalho, a conversa descompromissada durante o cafezinho, a hora do *rush*, a solidão do insone na madrugada. José Eugênio Menezes, em *Rádio e cidade: vínculos sonoros*, livro resultante de sua tese de doutoramento (ECA-USP), examina o movimento das vozes radiofônicas, trânsito esse capaz de sincronizar tempos coletivos e individuais em uma metrópole.

Menezes estabeleceu como um dos eixos centrais de sua reflexão o processo comunicativo entendido a partir da construção de vínculos, articulações de espaços de afeto ou de segregação. A partir de um diálogo inicial com a Teoria dos *Media* de Harry Pross, percorre os sons físicos trocados entre os corpos, a audição como sentido central para orientação no espaço, função mediadora decisiva na aproximação entre o sujeito e o mundo. Mídia terciária que envolve e amplifica a capacidade comunicativa do corpo físico, o rádio, assim como outras mídias sonoras criadas para reproduzir ou gravar, restituiu à voz uma autoridade perdida em séculos de cultura letrada. No século XX, conforme Paul Zumthor, uma nova era de oralidade se instaurou na sociedade tecnológica e de consumo, bem distinta daquela vivida pelas sociedades ágrafas, mas pródiga em reconfigurar a importância da voz no funcionamento do corpo social.

Rádio e cidade: vínculos sonoros

*José Eugenio de
Oliveira Menezes*

São Paulo: Annablume,
2007, 155 p.



Se há uma espécie de ressurgência do vocal como motor e estratégia de energia coletiva, prevalece na cultura contemporânea, marcada pelo excesso visual e sonoro, uma surdez progressiva, comportamentos de não-escuta, segundo Murray Schafer. O próprio desenvolvimento do espaço urbano, marcado pela estridência e pela anarquia da paisagem pós-industrial, favoreceu a desatenção do indivíduo com seu entorno sonoro. A cidade é também o lugar da aceleração da percepção temporal, que submete o corpo físico a um ritmo incessante. A programação em fluxo, tendência de importantes emissoras de radiojornalismo, corrobora a metrópole contemporânea como o lugar do movimento incessante, da multidão, do deslocamento em vias expressas. A programação radiofônica não somente mimetiza a aceleração temporal como ajuda a propagá-la na rapidez da fala, na ausência de pausas ou silêncios, no exercício da velocidade. Menezes percorre a letra da canção *Amanhecendo*, reiterada diariamente pela rádio Jovem Pan, destacando suas paisagens sonoras, a profunda relação que o rádio mantém com o local ao criar um pulsar rítmico do cotidiano, sincronizando pelo tempo as atividades de uma comunidade.

“Fala para que eu te veja”, citação de Aristóteles reapropriada pelo crítico alemão de rádio, Werner Kippler, abre a exposição sobre séries de reportagens especiais veiculadas por uma emissora paulistana. Nelas, o autor enfatiza as potencialidades do rádio na exploração dos chamados *trânsitos sonoros*, multiplicidade de perspectivas e de vozes dos atores sociais, polifonia essa raramente obtida no cotidiano jornalístico. As séries extrapolam a linguagem industrial do radiojornalismo, fundamentada na redundância de ciclos temporais narrativos e na repetição de uma estrutura com alto grau de previsibilidade, que visa uma comunicação eficiente, rápida, que não cause dúvidas ou estranhamento a um ouvinte geralmente distraído. Nesse contexto prevalece uma maneira própria de construir e expressar ações, sujeitos e objetos. Rudolf Arnhem já alertava que a reportagem em rádio raramente conseguiria passar uma impressão satisfatória da realidade. Porém, por meio do recorte e isolamento artificial de fragmentos sonoros, seria capaz de aguçar a observação acústica para conteúdos em que o indivíduo raramente presta atenção.

O alto grau sugestivo, qualidade do texto sonoro, aciona a capacidade de produzir as chamadas “imagens acústicas”, evocações mentais de sujeitos, espaços e objetos ausen-

tes provocadas pela associação de idéias, memória e estímulos a partir da materialidade do som. Tais imagens endógenas dão conta da criatividade da perspectiva sonora e constituem um desafio para quem lida com narrativas radiofônicas.

Menezes encerra sua reflexão partindo da perspectiva de Walter Benjamin de “se escovar a história a contrapelo”. Ao defender o pensamento “não-midiático”, convida a uma escuta “a contrapelo”, audição criativa capaz de perceber, mesmo na linearidade e na pouca ousadia do rádio comercial contemporâneo, as possibilidades dos trânsitos e misturas sonoras. Uma das principais contribuições do livro, além de deter-se em uma temática tão significativa e com pouca fortuna crítica na área dos estudos de rádio, é justamente essa defesa segura da cultura do ouvir, experiência sensorial comunicativa tão complexa. Junto a autores como Kamper, Schafer, entre outros, é um convite raro em um tempo pouco afeito à escuta profunda da voz, do ambiente e do outro.

Cida Golin é doutora em Letras, jornalista e professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)